

RESUMO: O objetivo deste trabalho consiste na análise de uma cena do *Stephen Hero*, de James Joyce. Pretende-se abordar a representação do feminino: a rigidez dos papéis sexuais impostos pela moral católica, a atitude do personagem Stephen Daedalus em relação à liberação da mulher a dificuldade de escapar das determinações e interdições da época.

Palavras-chave: Stephen Hero; James Joyce; Gênero; Catolicismo

Introdução

Vida de mulher não tem meio-termo: tesouro e submissão, ou borboleta e liberdade.

(CHIZIANE, 2004, p. 218)

A Irlanda - de população noventa por cento católica - colônia da Inglaterra até 1922, teve seus costumes fortemente marcados pela presença da religião. A mulher, que nascia no início do século XX na terra da antiga deusa *Eire*, tornava-se mulher em função de práticas sociais indissociáveis da Igreja Católica. Na terra da catequizada por St. Patrick, o casamento como rito de passagem marcava e definia a identidade feminina. Com a imagem espelhada na Virgem Maria, a virgem passava à mulher e mãe através da declaração do padre.

Fora do casamento, outras possibilidades estavam dispostas: ser freira, solteirona ou prostituta. Na obra de Joyce podem ser identificadas personagens femininas pertencentes à cada uma destas formas sociais determinadas pela presença ou ausência do casamento. A cena de *Stephen Hero* que pretendemos analisar neste artigo reforça a questão da posição social da mulher por um outro viés: pela tentativa de se escapar de tais limitações sociais e pela dificuldade de levar tal projeto adiante.

1. *Stephen Hero*

Publicado em 1939 pela primeira vez, *Stephen Hero* é um manuscrito iniciado em 1904 que descreve em detalhes os eventos vivenciados pelo autor desde a infância, passando pela adolescência e por um período na Universidade, incluindo o exílio em Paris, aos vinte anos. Das cerca de mil páginas escritas restam duzentas (JOYCE, 1989), pois em um acesso

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Email: felipeluisouza@yahoo.com.br

de fúria o manuscrito foi – em parte – queimado pelo autor.

Em 1905, Joyce decide reescrevê-lo, reduzindo o volume e o número de capítulos de sessenta e três para cinco. Em 1914, começa a ser publicado em partes no jornal *The Egoist*, e dois anos depois, na versão definitiva em livro: *Um retrato do artista quando jovem*.

Nas páginas remanescentes de *Stephen Hero*, encontramos o personagem principal Stephen Daedalus já na Universidade. Nesta versão realista, satírica e autobiográfica, o herói de Joyce é um rapaz que se destaca nos estudos e pretende ser artista. Mais especificamente, poeta. Para tanto, procura desenvolver sua própria estética, buscando inspiração nos escritores que mais admira como Ibsen, Dante, Byron e Shelley e no pensamento filosófico de São Tomás de Aquino. É aqui que encontramos a famosa definição de epifania como sendo “uma súbita manifestação espiritual, seja na vulgaridade da fala ou dos gestos ou em uma memorável fase da mente nela mesma.”²(JOYCE, 1989, p. 188)

Daedalus é egoísta e arrogante, geralmente se desentende e se afasta dos outros, com exceção de seu irmão Maurice, para quem mostra seus poemas. Este, lendo-os, pergunta quem era a mulher. “Ele não sabia quem era ela” (JOYCE, 1989, p. 37).

A primeira referência ao nome de Emma – a personagem ao redor da qual pensaremos as representações da mulher – é dada quando são descritas as visitas que Daedalus faz à casa de Mr. Daniel, em Donnybrook. Nas reuniões festivas realizadas por este, com música e jogos variados, há a oportunidade de contato entre homens e mulheres: “Havia muitas mulheres casáveis na família” (JOYCE, 1989, p. 43).

Quando são formalmente apresentados por Mr. Daniel, Emma e Stephen parecem já se conhecer. Entretanto, o aspecto fragmentário da publicação não nos permite saber quando nem como. Ela estuda no mesmo colégio das filhas de Mr. Daniel e assina seu nome, “Miss Clery”, na antiga língua dos celtas, o gaélico [*irish*].

No final deste capítulo XVI, notamos pela narrativa o interesse de Stephen por ela, quando ele a ajuda a vestir sua jaqueta, deixando com que ele toque e sinta o calor de seus ombros. (JOYCE, 1989, p. 47).

2. Em defesa da mulher

Logo na seqüência, Stephen dialoga com McCann, um colega de Universidade e auditor da Sociedade Literária e Histórica, para a qual Stephen preparava o artigo “Drama e Vida”, depois “Arte e Vida” (JOYCE, 1989, p. 75).

² Todas as traduções a seguir são de minha autoria.

McCann defende posições feministas, acreditando que a educação deveria ser conjunta e que deveriam ser dadas iguais oportunidades para homens e mulheres.

Toril Moi, no livro *Teoria Crítica Feminista* (1999, p. 26), descreve três momentos do feminismo – não necessariamente implicando em que um suplante o seguinte. No feminismo liberal, o primeiro, há a reivindicação e luta por igualdade nos direitos civis, como o direito ao voto e à educação. No segundo, o feminismo radical, a ordem simbólica masculina é criticada, frisando-se a diferença entre os sexos, a feminilidade é exaltada. No terceiro, há a negação da própria distinção entre o que é feminino e o que é masculino. Ambos são considerados metafísicos.

A posição do personagem McCann deve ser relacionada ao primeiro momento, pois ele possui a crença de que as mulheres tinham o direito de competir com os homens em cada ramo das atividades sociais e intelectuais (JOYCE, 1989, p. 49).

Stephen não compartilha os ideais de seu colega. Na verdade, dialogando, tenta levá-lo a contradições insolúveis: se as mulheres poderiam exercer quaisquer funções profissionais, elas poderiam trabalhar no exército, na polícia e no corpo de bombeiros? McCann responde que não, em virtude das diferenças biológicas. Quanto a serem médicas e advogadas ele não vê problemas, entretanto. Por fim, Stephen pergunta se elas seriam boas confessoras, ou seja, poderiam ser ordenadas e terem os mesmos direitos dos homens na Igreja. Ele responde: “- Você é impertinente! A Igreja não permite que as mulheres entrem no clero” (JOYCE, 1989, p. 49).

Alguns capítulos adiante, em um diálogo entre Stephen e Emma, ficamos sabendo da probabilidade de McCann casar-se com a mais velha das filhas de Mr. Daniel. O desejo de McCann é motivo de diversão para Emma. Ela pergunta então para Stephen se ele não é um sujeito que odeia as mulheres [*woman-hater*] (JOYCE, 1989, p. 138), o que parece ser óbvio por ser ele muito reservado ou talvez não gostar da companhia delas. Stephen não responde, apenas aperta o braço de Emma em repreensão (andavam de mãos dadas após se encontrarem à noite na Biblioteca. Ele a acompanha até sua casa).

A pergunta seguinte de Emma para Stephen é “- Você acredita na emancipação da mulher?” (JOYCE, 1989, p. 138) A resposta é certamente [*to be sure*], o que agrada Emma, pois ela pensava que ele não era a favor das mulheres. Podemos supor que Stephen demonstrava não se importar com a emancipação da mulher ou até apresentava atitudes e crenças machistas. A conversa entre McCann e Stephen indica esta direção.

Quanto ao movimento nacionalista - então em voga na Irlanda, que entre outras questões, buscava a independência da Inglaterra e a valorização da cultura celta, no

reavivamento, por exemplo, dos esportes gaélicos e da língua falada antes da colonização e que continuou viva em algumas regiões – é certo que Stephen discordava. Mas apesar da discordância, ele começa a ter aulas de irlandês. O motivo não é, contudo, o de abraçar o movimento, mas sim o de se aproximar de Emma, já que ambos poderiam estudar na mesma sala. É lá que aprende a palavra irlandesa *gradh*, amor.

Nas noites de sexta-feira Stephen participa dos encontros patrióticos organizados por padres, e nestes também encontra Emma. O narrador, em terceira pessoa, descreve que ela voltara a usar seu nome cristão, ao invés de Miss Clery. Stephen sente ciúmes das conversas entre Emma e Padre Moran, que era pianista e cantor de músicas sentimentais, por isso mesmo muito estimado pelas mulheres. Ele chega a sentir vontade de bater nele e considera-o um exemplo da ineficiência irlandesa.

A relação que encontramos entre Stephen e Emma é tipicamente romântica, com a presença de ciúmes, saudades – ele pensa nela quando estão distantes – da cuidadosa atenção nos menores gestos, de magnetismo no olhar. E, como não poderia deixar de ser para um poeta, a escrita de versos de lamento (JOYCE, 1989, p. 64-65).

A seguir, descrevo a cena em que há a tentativa por parte de Stephen de romper os costumes (os bons costumes católico-irlandeses). A análise pormenorizada encontra-se no tópico posterior.

3. Da cena, enfim, em questão

Stephen está tendo aulas de italiano com o Padre Artifone - pois abandonara definitivamente as aulas de irlandês, em virtude da vinculação da aprendizagem da língua com a política. Através da janela da sala da Universidade ele vê Emma e, depois de desculpar-se com o padre, sai correndo pelas escadas e ruas atrás dela.

Ao alcançá-la, indica a rua que devem seguir. Em plena luz do dia, andam de braços dados. Um pouco alterada pela proximidade corporal e pelo fato de que falava colado a seu rosto, Emma ruborece pela animação e excitação de Stephen, mas era uma pena – para o narrador em terceira pessoa - que ela tentasse esconder e parecer à vontade. Lisonjeada de início, parecia nervosa então. Diz ele:

Eu vivo uma vida tão estranha – sem ajuda ou aprovação de ninguém. Às vezes eu tenho medo de mim mesmo. Eu chamo estas pessoas da universidade de vegetais, não de homens... Então quando eu estava praguejando contra meu próprio caráter eu te vi (...) Você sabia que eu estava feliz de te ver (...) Eu disse, aqui está finalmente uma criatura humana... Eu não posso te dizer o quanto eu fiquei feliz. (JOYCE, 1989, p. 176)

Depois de chamá-lo de um garoto estranho [*strange boy*] e dizer para que tenha mais juízo e não saia correndo desse jeito, Stephen interrompe-a, pede para que ela não fale assim e pergunta se eles são jovens. Ela responde afirmativamente. Então ele conclui: “Se nós somos jovens nós nos sentimos felizes. Nós sentimos desejo”. (Joyce, 1989, p. 177). E continua:

- Você sabe Emma, mesmo através da janela eu pude ver seus quadris se movendo dentro de sua capa de chuva? Eu vi uma jovem mulher andando orgulhosa nessa cidade decadente. Sim, esse é o jeito como você anda: Você tem orgulho de ser jovem e tem orgulho de ser mulher. Você sabe quando eu te vi de repente pela janela – você sabe o que eu senti? (JOYCE, 1989, p. 177)

No rascunho do livro, estão escritas as palavras orgulho da carne [*pride of flesh*], ao lado deste trecho. Para o narrador, não haveria sentido dela tentar se mostrar indiferente, depois do que havia sido dito. O seu corpo demonstrava: rubor persistente na face, brilho nos olhos, respiração agitada.

- Eu senti desejo de pegar entre meus braços – teu corpo. Eu desejei que você me tomasse nos seus braços. Isso é tudo... Então eu pensei em vir atrás de você e dizer isso pra você... Passar uma noite juntos, Emma, e então dizer adeus pela manhã e nunca mais nos vermos de novo! Não existe esta coisa de amor no mundo: apenas as pessoas são jovens... (JOYCE, 1989, 177).

Ela tenta se afastar dizendo que ele é louco [*you're mad*]. Stephen se despede, dizendo que sentia que deveria ter dito o que disse pelo seu próprio bem e se continuasse ali, naquela rua estúpida, poderia dizer mais: “Você diz que eu sou louco porque eu não barganho com você ou digo que eu te amo ou juro te amar. Mas eu acredito que você ouviu minhas palavras e você me entende, não entende?” (JOYCE, 1989, 178).

Com raiva, Emma responde que na verdade, não o entende, não consegue entendê-lo. Para que fique tudo bem claro ele descreve novamente suas intenções, mas agora em detalhes:

- Eu vou te dar uma chance (...) Hoje à noite quando você estiver indo para cama lembre-se de mim e vá até a janela. Eu estarei no jardim. Abra a janela e diga meu nome e me peça para entrar. Então desça e me deixe entrar. Nós viveremos uma noite juntos – uma noite, Emma, sozinhos juntos e pela manhã nós diremos adeus (JOYCE, 1989, 178).

Ela solta uma de suas mãos que estava entre as dele, dizendo que não sabia a conversa louca que teriam. Reprova sua atitude, motivo pelo qual não devem mais se falar. Para

Stephen, não era uma ofensa um homem propor o que propusera. Ela estaria ofendida por outras questões. A conversa é finalizada com Emma chamando Stephen novamente de louco e chorando; quando ela se vira e sai rapidamente - sem que ele conseguisse dizer adeus - ele parece sentir suas almas se separando para sempre, depois de um instante de união.

4. Loucura e Sexualidade

Em diversos momentos desta cena, Stephen é tomado por louco [*mad*] ou estranho [*strange*]. Corre desesperadamente, chama os colegas de universidade de vegetais e declara-se sem meios termos à Emma, descrevendo seus desejos e propondo uma noite de sexo sem compromisso.

Uma definição possível de loucura e estranheza é o desvio das normas, dos costumes e regras sociais, índices de anormalidade. E é justamente o que encontramos no capítulo XXV, em seguida à narrativa da cena, quando Lynch - o único colega de Stephen para quem ele descreve o incidente - define a sanidade como seguir os costumes e fala que Stephen estava fora de si, “nenhuma mulher iria te ouvir” (JOYCE, 1989, p. 179). Ele pergunta se era uma brincadeira, uma piada [*joke*]. Stephen diz que não, ele está falando sério. Emma e eles eram amigos [*friends*] há muito tempo e diz de si mesmo: “Agora parece que eu agi como um lunático”. (JOYCE, 1989, p. 179).

Para Stephen se ele tivesse corrido atrás dela, mas ao invés do que dissera propusesse casamento, Lynch não veria estranheza. Este diz: “Existe algo relativamente são a respeito do casamento, não há?” e “Seguir um costume é uma marca de sanidade” (JOYCE, 1989, p. 180).

Logicamente, Daedalus refuta: “É uma marca de mediocridade” [*ordinariness*³]. As pessoas comuns [*ordinary*] podem ser sãs ou malucas. A sanidade ou a insanidade é a antes a questão de se ter capacidade para ser iludido voluntariamente ou involuntariamente por si ou pelos outros. Como o costume de Stephen era o de ser “iludido” por si, ou seja, ter suas próprias opiniões a despeito das regras e normas sociais, ele simplesmente é sincero e conta para Emma todos os seus desejos. Para ele, em verdade, é uma questão de lógica: Sendo ambos jovens e felizes, eles têm desejos. Que mal há em satisfazê-los? É mais simples e claro, se ela parece ter orgulho de ser mulher e se movimenta com orgulho, se ele quer tê-la em seus braços, passarem os dois uma noite juntos, sem compromissos e sentimentalismos. “Não existe esta coisa de amor no mundo: apenas as pessoas são jovens” (JOYCE, 1989, 177).

³ Esta palavra, de acordo com o dicionário eletrônico Michaelis Inglês, também significa uso, costume, hábito.

As razões da recusa de Emma são facilmente inteligíveis se o contexto que o manuscrito procurava retratar de forma realista for levado em consideração. A construção social do gênero feminino é inseparável do catolicismo e, principalmente, do casamento.

Se ela havia dado algumas indicações para Stephen de que estava interessada nele, como, por exemplo, andarem de mãos dadas, permitir que ele a acompanhasse até sua casa, a seqüência que ela esperava, ou que uma mulher esperaria, seria uma proposta de casamento. O fato do possível casamento de McCann com a filha mais velha de Mr. Daniel divertir Ema, indica quais expectativas costumes sociais criavam nela.

Na conversa com Stephen onde pergunta se ele odeia as mulheres, Emma também pergunta a ele se ela era para ele uma mulher. A resposta é sim. Entretanto para ela mesma, ela ainda era uma garota. Podemos supor que a passagem da garota à mulher esteja relacionada à perda da virgindade, o que só seria possível, para ela, através do casamento.

Por esta razão a proposta de passarem uma noite juntos apenas – escondidos na casa de seus pais – tem que necessariamente ser taxada de insana. Se ela aceitasse perderia a virgindade, sem ganhar um marido.

Conclusão

Nascida e criada em um meio profundamente marcado pela religião católica, a mulher na Irlanda no início do século XX – época que o manuscrito *Stephen Hero* procura retratar – possuía poucas possibilidades de individualização, cabendo a ela papéis definidos pela ausência ou presença do casamento. Seguir ou não as normas sociais corresponde a uma situação de loucura ou de exclusão social como a prostituição.

O personagem Stephen Daedalus, altamente crítico da sociedade irlandesa, procura romper com as determinações e limitações impostas. Para ele, em verdade, elas não fazem sentido. O desejo é pensado através da lógica, sendo indiferente ao que os outros, coletivamente, acreditam.

Ao ter seu artigo “Arte e Vida” quase censurado na Universidade, Stephen discute com o reitor a estética que está criando. O reitor ao descrevê-la como “arte pela arte” (JOYCE, 1989, p. 88), ou seja, sem preocupações morais - não prevê muito sucesso para ele na Irlanda, já que os irlandeses são felizes em sua fé na Igreja e não precisam mais do que isso. Curiosamente, ao final do manuscrito, assim como Joyce, Daedalus se auto-exila em Paris. Romper com as tradições e costumes se torna mais complexo e complicado do que procurar em outras terras a liberdade.

Para Stephen e para Joyce, a independência dos irlandeses não se daria somente com a descolonização, seria preciso livrar-se das imposições da Igreja Católica - fonte da paralisação de seus conterrâneos e da mediocridade dos mesmos.

Na perspectiva de Stephen, defender a mulher não significa ser feminista, abrindo para ela o mercado de trabalho ou emancipá-la intelectualmente. Apesar de ser “lunático” em sua conversa com Emma, o que realmente está implícito em seu ato é a busca de maior liberdade nas relações amorosas, para que a mulher não se defenda por moralidade, mas para que possa ser uma mulher menos indefesa.

ABSTRACT: This article aims to analyze a scene from *Stephen Hero* by James Joyce. Women's representation is the focus: the rigid sexual roles created by catholic morality, Stephen's attitudes toward women's liberation and the difficulty to escape from determinations and prohibitions in this time.

Key-words: Stephen Hero, James Joyce, Gender, Catholicism

Referências Bibliográficas

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia, 2004

JOYCE, JAMES. *Stephen Hero*. London: Grafton Books, 1989

MOI, T. *Teoría literaria feminista*. Tradução: Amaia Bárcena, 3º ed. Cátedra, Madrid, 1999.